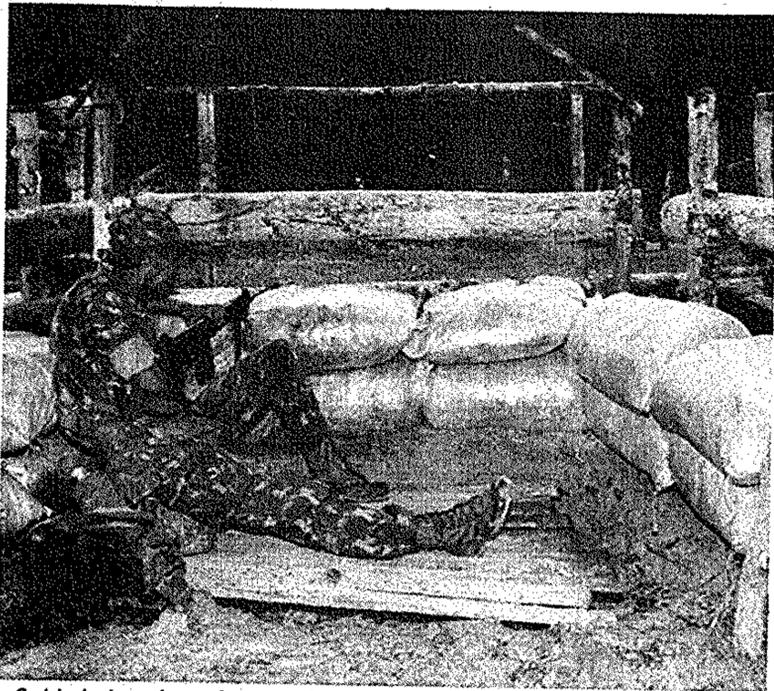


Área do ataque guerrilheiro está pronta para operação de guerra



Soldado brasileiro faz guarda no destacamento, perto do Rio Traíra

MARCELO MENDONÇA
Enviado especial à serra do Traíra

Quase duas semanas depois que colombianos armados mataram três soldados brasileiros no destacamento de fronteira às margens do rio Traíra —560 km ao norte de Tabatinga (AM)—, em 26 de fevereiro, o lugar está hoje preparado para uma verdadeira operação de guerra.

O general Antenor Santa Cruz, 63, comandante do Comando Militar da Amazônia (CMA), inclusive reconheceu que o local não é seguro. Segundo ele, o Exército vai construir um destacamento mais afastado do rio, mantendo ali apenas um posto avançado.

Brasil e Colômbia não estão em guerra, é claro, e os militares dos dois países fazem um "trabalho coordenado", segundo os oficiais brasileiros. Mas o reforço daquela região depois do incidente foi batizado pelos militares de "Operação Tempestade no Amazonas", nome calcado na "Tempestade no Deserto" dos EUA no Oriente Médio.

Além das reformas que já foram feitas na sede do destacamento, está sendo enviado para lá um "navio fluvial de patrulha" de 45 metros da Marinha, equipado com canhões e pista para helicóptero, informação confirmada pelo general Santa Cruz.

A reportagem embarcou às 8h30 (10h30 em Brasília) com oficiais brasileiros e colombianos que foram fazer a primeira inspeção conjunta no destacamento. São 400 km de Tabatinga até a base em Japurá, vencidos em uma hora a bordo de um avião bimotor Buffalo da Força Aérea Brasi-

leira (FAB), e mais 160 km até a Serra do Traíra, em um helicóptero Super Puma, também da FAB.

O helicóptero segue o curso do rio Apaporis e depois o do tortuoso e lamacento rio Traíra. Cortando uma selva fechada, com raras clareiras onde índios tucanos e macu plantam mandioca, esses rios são a única divisão clara entre a Colômbia, a oeste, e o Brasil.

Ao descer do helicóptero às 10h40, a paisagem que se vê é bem diferente do acampamento abandonado pela mineradora Paranapanema, que o Exército estava usando "provisoriamente". O contingente passou de 17 para 74 homens, parte dos quais estava nesse momento em patrulha na selva.

O Exército desmatou um larga faixa ao redor do destacamento, cercado agora por arame farpado. Mais tarde, segundo o general Santa Cruz, nova faixa será desmatada, aumentando ainda mais a distância do mato cerrado que serviu de abrigo para a emboscada de 26 de fevereiro.

Os troncos derrubados pelos militares agora reforçam os alojamentos, sala de operações e posto de comando do destacamento. Serviu também para construir 10 casamatas junto com sacos de areia.

Três torres de sentinela, com alturas entre 3 e 5 metros, completam o esquema de vigilância. No rio Traíra, que na altura do destacamento tem cerca de 40 metros de largura, duas lanchas com seis soldados fazem a patrulha.

Calha Norte receberá verba

Do enviado especial a Tabatinga norte do Amazonas.

O presidente Fernando Collor de Mello liberou Cr\$ 300 milhões para reativação do projeto Calha Norte, que visa manter vigilância militar na região norte da Amazônia. A informação é do comandante do Comando Militar da Amazônia (CMA), general Antenor de Santa Cruz.

O chefe do Estado-Maior do CMA, Taumaturgo Sotero Vaz, disse que os recursos liberados serão utilizados em obras militares como hidrelétricas e quartéis da região de Coari, São Joaquim, Uaretê, Surucucus e Macaraca,

Cruz disse que o incidente ocorrido entre brasileiros e colombianos "mostra a necessidade de implantação do projeto Calha Norte". "O projeto Calha Norte tem com objetivos a ocupação de vazios no território nacional".

O general disse que o Exército precisa "de mais dinheiro" para incentivar a ocupação e vigilância na área de fronteira do Brasil com outros países na região amazônica. "O orçamento está muito apertado e nossas necessidades são muito grandes", afirmou. (ER)

Militar promete combater guerrilha

EFRÉM RIBEIRO

Enviado especial a Tabatinga

O comandante do Batalhão Especial de Fronteiras (BEF) de Tabatinga (AM), Augusto Pamplona Vaz, 43, disse ontem, antes de embarcar para visita à serra do Traíra, que o objetivo da operação militar brasileira na região é combater colombianos armados encontrados em terras brasileiras. "Se estiverem armados, vão morrer sem nenhuma consideração", afirmou.

Já o comandante do 18º Batalhão de Engenheiros Bejarano Munhoz, de Leticia (Colômbia), Tirso Winter Ajejo Montealegre, disse que o conflito entre brasileiros e colombianos que invadiram a área "já tem corpos demais". Durante o conflito, morreram nove colombianos e três brasileiros.

Ele afirmou que os 240 homens do Exército colombiano que foram enviados para La Pedrera (a 300 km do destacamento do BEF na serra do Traíra) vão trabalhar na fronteira do Brasil no "serviço de inteligência". "As nossas primeiras ações no território colombiano serão de inteligência para conhecer a área e estabelecer taxas que serão empregadas no trabalho de limpeza da região".

Militares brasileiros e colombianos na área divergem sobre a existência de guerrilheiros na fronteira entre os dois países, na serra do Traíra. O comandante da 4ª Divisão de Infantaria do Exército da Colômbia de Villa Vicenzo, general Ede Payares Cote, afirmou que não existem guerrilheiros na área. Segundo ele, existem "bandoleiros".

General nega tortura de garimpeiros

Do enviado especial à serra do Traíra

O comandante do Comando Militar da Amazônia (CMA), general Antenor Santa Cruz, negou que o Exército tenha torturado os quatro garimpeiros colombianos presos na semana passada na serra do Traíra, durante patrulha.

Os colombianos Welber Martinez, 17, Gerardo Forero, 26, Rusbel Calderon, 17, e Carlos Moreno, 22, disseram ter sido espancados para confessar que eram guerrilheiros, que são, na versão do Exército, os responsáveis pelo ataque ao destacamento no rio Traíra, no dia 26 de fevereiro, quando morreram três soldados brasileiros.

Segundo o Exército, os garimpeiros estavam usando fardamen-

to, e portavam uma boina e uma agenda de um dos soldados do posto atacado. "Nós fotografamos tudo", disse o general Taumaturgo Sotero Vaz, chefe do Estado-Maior do Comando Militar da Amazônia.

Segundo o chefe do Estado-Maior do Comando Militar da Amazônia, isso foi feito "para evitar que nós fôssemos vítimas, como já fomos anteriormente, da mesma coisa de direitos humanos, de vir dizer que nós tínhamos torturado".

Para o chefe do Estado-Maior do Comando Militar da Amazônia, "esta é uma tese inteiramente revanchista, e é uma tese que vem sendo naturalmente adotada por quase todos esses bandidos quando são retirados de um determinado lugar".

"Quando o cara for suspeito, ele não vai receber tratamento cinco estrelas", disse o chefe do Estado-Maior do Comando Militar da Amazônia.

O comandante do Batalhão Especial de Fronteira (BEF) de Tabatinga, coronel Evandro Augusto Pamplona Vaz, disse que um repórter da revista "Manchete" testemunhou a abordagem do barco dos garimpeiros pelo Exército, com os objetos pertencentes aos soldados brasileiros atacados.

Edilson Martins, repórter da revista "Manchete", foi ouvido por jornalistas em Manaus. O repórter da revista "Manchete" deu declarações confirmando a existência de pertences de soldados brasileiros no barco.

(Marcelo Mendonça)

Governo aceita mediação da Igreja pela paz

ÁLVARO PEREIRA JÚNIOR

Enviado especial a Bogotá

A mesma guerrilha que alarma o Exército brasileiro na fronteira com a Colômbia está, ao menos oficialmente, cada vez mais próxima da dissolução. Neste fim-de-semana, o governo colombiano anunciou que aceita a Igreja Católica como mediadora das negociações de paz com os dois grupos guerrilheiros ainda ativos no país: o Exército de Libertação Nacional (ELN) e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), unidas na Coordenadoria Guerrilheira Simón Bolívar.

A proposta de recorrer à Igreja partiu dos líderes rebeldes Manuel Pérez (ELN) e Manuel Marulanda (Farc), a pedido do re-

presentante Jaime Ortiz Furtado, que preside a comissão de Direitos Humanos da Assembléia Constituinte colombiana. A idéia inicial do governo era dispensar intermediários. Mas finalmente no sábado, o ministro de Governo, Humberto de la Calle Lombana, disse ver "com bons olhos" a participação da Igreja.

Segundo o ministro, uma reunião hoje entre governo e a Conferência Episcopal definirá "detalhes operacionais" do futuro encontro. De la Calle Lombana oficializou o aval do governo em carta ao monsenhor Guilherme Vega, indicado pela Igreja como coordenador das negociações.

Mesmo assim, o ministro enfatizou que os encontros mediados pela Igreja não terão poder final

de decisão. Classificou-os de preliminares. "Essa mediação é só para permitir que aconteça o diálogo direto proposto pelo governo". Por enquanto, os chefes rebeldes só falam com os constituintes por rádio, a partir de lugares ignorados.

O Exército Popular da Libertação foi mais rápido que outros grupos de insurgência e já depôs armas. O chefe do EPL, Bernardo Gutiérrez, protagonizou na quinta-feira passada um rito simbólico de retorno à vida civil, entregando à Constituinte duas armas —um revólver e uma pistola—, supostamente suas duas últimas. O ímpeto pacificador de Gutiérrez não é compartilhado por parte de seus ex-companheiros. Dissidentes do EPL, ainda defensores da luta armada, continuam com a violência no país.